

A sabatina da equipe econômica

Economia Brasil

Hoje é um dia especial para a equipe econômica. Afinal, o presidente do Banco Central, Francisco Lopes, será sabatinado pelos senadores no Congresso. Mais uma vez o mercado vai estar com as atenções voltadas para Brasília.

Com o senador Antônio Carlos Magalhães ocupando a principal cadeira do Congresso, o presidente Fernando Henrique Cardoso pode ficar tranqüilo em relação ao seu escolhido no BC. Não fosse a situação em que se encontra a economia do país, com o câmbio livre e o real sendo desvalorizado dia após dia, a sabatina de hoje seria um procedimento de rotina, mas não é.

Não será apenas Francisco Lopes, mas sim o ministro da Fazenda, Pedro Malan, e todos os seus homens que estarão sendo questionados sobre o rumo da nação pelos senadores. Não foi para menos que no domingo passado Malan reuniu em sua residência Lopes e os seus secretários Pedro Parente e Amaury Bier (ambos da Fazenda). No cardápio, a estratégia a ser adotada para a defesa da política econômica no curto prazo.

Distante do Planalto Central, mais precisamente na Avenida Paulista, onde fica a sede da todo-poderosa Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp), e no Palácio dos Bandeirantes, residência oficial do governador Mário Covas, as palavras de Lopes serão minuciosamente avaliadas.

Horácio Lafer Piva, presidente da Fiesp, recentemente deixou claro ao porta-voz da Presidência da República, Sérgio Amaral, que a instituição está disposta a colaborar com o governo no que for preciso, mas desde que a equipe econômica não cometa erros que venham a comprometer o desempenho da indústria. Uma tarefa nada simples quando se observa a saída de dólares do país, a desvalorização da moeda e a insegurança dos investidores estrangeiros, que praticamente sumiram do mercado.

Mas o que Covas tem a ver com o que dirá Lopes? Tudo. O governador, o mais carismático e credenciado tucano, depois do presidente, acompanha os movimentos da equipe econômica com lupa. Covas, que sempre foi um defensor da corrente desenvolvimentista, sentiu na própria carne a dureza que foi fazer o mais profundo ajuste das contas do seu estado. Incluindo a demissão de mais de 130 mil servidores e a privatização da maior parte do setor elétrico. E, agora, está disposto a investir na área social, não hesitará em investir contra Malan se sentir-se ameaçado por mais aperto.

O ministro da Saúde, José Serra, é outro tucano que estará atento ao pronunciamento de Lopes. Não é de hoje que Serra vem alertando para o risco de uma explosão do real, motivada pela rigidez do câmbio, anteriormente defendida a ferro e fogo pelo ex-presidente do BC Gustavo Franco, com o aval de Malan. Os bem-informados sabem que o ministro da Saúde não é homem de ficar na retaguarda. Sua visão e experiência de economista e de quem já esteve à frente do Ministério do Planejamento o credenciam a manter um pé no Ministério da Fazenda.

Mesmo que o presidente da República não queira que o seu ministro e amigo pessoal (José Serra) interfira na pasta do também amigo Malan, ainda sobra espaço para os irmãos Luiz Carlos Mendonça de Barros e José Roberto Mendonça de Barros, que, mesmo fora do governo, frequentam o apartamento da Rua Maranhão e as fileiras dos desenvolvimentistas da Fiesp, do Palácio dos Bandeirantes e do Ministério da Saúde.